

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

LUX PRÉMIO DO PÚBLICO 2023

18 de maio de 2023

ALCARRÀS / 2022

Um filme de Carla Simón e Sonia Castelo

Realização: Carla Simón e Sonia Castelo / **Argumento:** Carla Simón, Arnau Vilaró / **Produção:** Ariadna Dot, Tono Folguera, Emilia Fort, Sergi Moreno, Stefan Schmitz, María Zamora / **Direção de Fotografia:** Daniela Cajías / **Design de Produção:** Mónica Bernuy / **Montagem:** Ana Pfaff / **Guarda-Roupa:** Anna Aguilà / **Música:** Andrea Koch / **Interpretações:** Josep Abad (Rogelio), Jordi Pujol Dolcet (Quimet), Anna Otin (Dolors), Albert Bosch (Roger), Xènia Roset (Mariona), Ainet Jounou (Iris), Montse Oró (Nati), Carles Cabós (Cisco), Joel Rovira (Pere), Isaac Rovira (Pau), Berta Pipó (Glòria), Antònia Castells (Tieta Pepita), Elna Folguera (Teia), Djibril Casse (Boubou), Jacob Diarte (Joaquim Pinyol) / **Cópia:** Digital (DCP), a cores, falado em catalão com legendas em português / **Duração:** 120 minutos / **Estreia Mundial:** 15 fevereiro 2022, Festival Internacional de Cinema de Berlim / **Estreia Nacional:** 14 julho 2022 / **Primeira apresentação na Cinemateca.**

Nos indícios de paraíso perdido que *Alcarràs* nos apresenta, Carla Simón e Sonia Castelo nunca nos deixam apaixonar demasiado. A câmara sempre móvel, ágil, segura pelas mãos, introduz o realismo que impede (ou quer impedir) que o filme seja a idealização de uma pintura de Joaquín Sorolla, que tanto trabalhou, também, na costa este de Espanha.

Esse gesto é, assim, a marca premonitória do restante desenrolar desta história doce, ainda que trágica, onde o mundo agrícola vai sendo progressivamente abandonado, por entre as brincadeiras de crianças e os quotidianos, mais, ou menos, agitados da família Solé. A presença da retroescavadora – enquanto marca de destruição (e veja-se como as suas intenções são impostas ao início, quando leva o antigo carro em que as crianças brincavam) pontua a paisagem, como a morte (também ela tantas vezes representada pelo ceifador, aquele que rouba e debulha), aguardando, ansiosamente, a captura da felicidade do mundo dos vivos.

Sublinhe-se este “ansiosamente”, porque, apesar da sua luz etérea, o filme acaba sempre por se reger pela inquietação. O movimento – não só da câmara, como da variedade de enredos que saltam entre personagens, possibilitando a “imersão” stressada - é a sua espinha dorsal, legitimando a sua *gravitas*, quase docuficcional.

No entanto, a sua contradição, essa luz - o sol que espreita entre os pessegueiros, esbelto e sedutor como só a memória pode ser – traz pouco de inovador ao contexto do cinema contemporâneo. *Alcarràs* insere-se de uma forma muito lógica nos tons pastel, melancólicos, e visualmente apelativos de filmes como *The Florida Project*, *Aftersun*, ou até *Call me By Your Name* (sempre à volta da rememoração), simultaneamente vívidos e esbatidos – marca que, muitas vezes, serve como uma validação qualitativa a algum do cinema independente contemporâneo, num mundo governado pela A24 e produções da Netflix, permeado pelas aparências cinematográficas e o “estético” enquanto sinónimo de apelativo - e onde o verão da infância e adolescência é convertido a uma semelhante sensibilidade visual. No fundo, são estes tiques que situam o filme no século XXI, mais do que o contexto político ou narrativo que pretende evocar – de uma pertinência fundamental, mas cujas implicações têm sido abordadas várias vezes ao longo da história do cinema, desde a organicidade de *Farrebique* até ao dramatismo de *Satantangó*.

Em *Alcarràs*, como em alguns destes exemplos, o foco é o campo – mais concretamente, uma transgeracional apanha de pêssegos – o que indicia um contexto de tradição, de herança familiar (o coração da história, fundamentado por personagens atentamente individualizadas) que é posto em causa pela soberba capitalista. Há, neste gesto, por um lado, a necessidade de expor as dificuldades enfrentadas por uma classe trabalhadora sub-representada – e absolutamente fundamental à economia alimentar em que hoje estamos submersos – e por outro, no subtexto, uma vontade, já secular, de retorno a uma simplicidade bucólica que, dialeticamente, e em contextos mais cíclicos que outros, se mostrou presente nas mais diversas expressões artísticas, com o aumento dos seios urbanos e a industrialização.

Nesse sentido, *Alcarràs*, nos seus tons contemplativos, não deixa de apresentar um mundo rural feito idealismo, um escape para o espectador rever a sua frustração com o frenesim citadino – e a sua culpa inevitável. Porque, neste campo, os idosos contam histórias carinhosamente, e as crianças continuam a brincar, enchendo de esperança a paisagem desolada.

Alcarràs é capaz de tocar, nos detalhes não ditos, nas interpretações dos atores, e nas suas implicações políticas, ainda que, formalmente, seja demasiado contemporâneo para ir para além disso. Mas, agora, vem aí o verão.

Miguel Pinto